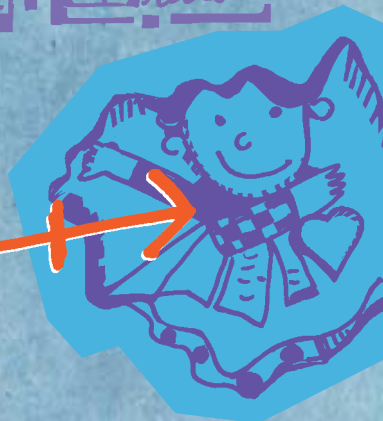


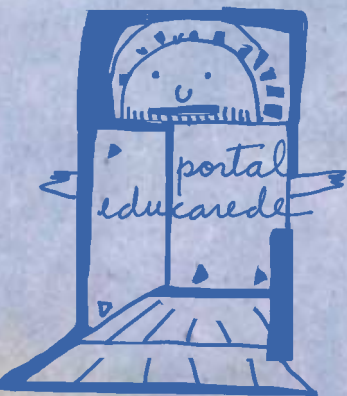
Conexões



da

Vida

O letramento digital
mudando histórias



educarede

Um programa da Fundação Telefônica



Iniciativa



Fundação Telefônica

Diretor Presidente
Sérgio Mindlin

Gerente de projetos
Andréa Bueno Buoro

Coordenador de projetos
João Mendes Neto

Realização



**Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária**

Concepção da publicação e edição final
Priscila Gonsales

Coordenação
Mílada Tonarelli Gonçalves

Reportagem e redação
Meire Cavalcante

Apoio editorial
Adriana Vieira
Clara Caldeira
Claudemir Viana
Elaine Salha
Jaciara de Sá Carvalho
Márcia Coutinho
Sonia Bertocchi

Revisão
Airton Dantas

Estúdio Girassol

Projeto gráfico e editoração
Esperanza Sobral

Arte
Beth Kok

Revisão editorial
Eliana Aloia Atihé

Impressão
Type Brasil

Tiragem
3000 exemplares

**Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária**
R. Dante Carraro, 68 – Pinheiros
Cep: 05422-060 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 11 2132-9000

www.cenpec.org.br

São Paulo
2008

Conexões da Vida

O letramento digital mudando histórias

Gestão
Executivo-pedagógica



Gestão
Tecnológica

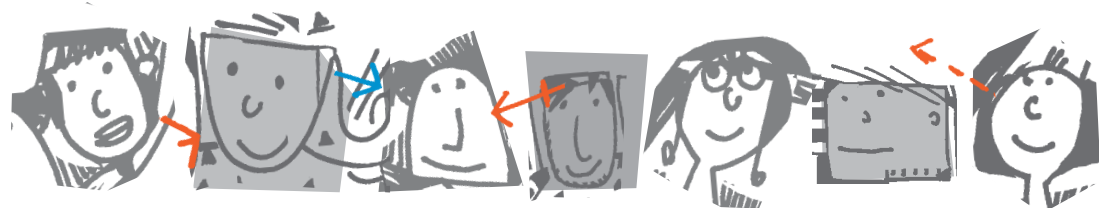


Iniciativa

educarede
Um programa da Fundação Telefônica



Aprendizagens do século 21



Falar em informação e conhecimento no século 21 significa incorporar a comunicação e a linguagem digital entre os requisitos fundamentais para a formação dos cidadãos. Lançado em 2002, o Programa EducaRede é uma iniciativa da Fundação Telefônica nos países em que atua, baseada na crença de que a inclusão digital constitui fator de equidade social, na medida em que as tecnologias da informação e comunicação podem ser utilizadas para introduzir perspectivas inovadoras para a educação, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino.

No Brasil, o EducaRede estrutura-se como um programa de educação que atua no desenvolvimento de aprendizagens do letramento digital de professores e alunos da rede pública – instância responsável por atender 88% das matrículas no país. O conceito de letramento digital refere-se não somente à aquisição das habilidades relacionadas ao uso das tecnologias digitais, mas também à sua aplicação no exercício de novas práticas culturais, sociais e pedagógicas.

Tendo por base um portal de acesso livre e gratuito, o programa EducaRede (www.educarede.org.br), com conteúdos e ferramentas especialmente elaborados para fins educativos, capacita educadores e gestores em ações presenciais e à distância e realiza projetos de aprendizagem em rede entre escolas em parceria com secretarias de educação.

Para criar e desenvolver o Programa EducaRede Brasil, a Fundação Telefônica atribuiu a gestão executivo-pedagógica ao CENPEC, organização não-governamental reconhecida por sua atuação na área do ensino público, e a gestão tecnológica à Fundação Vanzolini, por sua experiência em tecnologias de informação aplicadas à educação.

Em seis anos de atividade, foram formados diretamente mais de 11 mil professores e beneficiados 84 mil alunos. Esta publicação apresenta alguns casos de sucesso, baseados em relatos pessoais de professores, alunos e gestores participantes dos projetos e ações do EducaRede, visando ilustrar como o trabalho com letramento digital pode e vem gerando melhorias no cotidiano educacional dos envolvidos no Programa.

Ser letrado digitalmente significa ser sujeito diante dos sistemas informáticos hoje existentes – sejam eles um computador, uma urna de votação ou um caixa de banco. Para usufruir do chamado ciberespaço, é fundamental adquirir discernimento para acessar e selecionar informações em fontes variadas, constituir e ampliar oportunidades de comunicação via redes colaborativas, além de publicar e tornar-se também produtor de informações e conhecimentos.

Boa leitura!



Sumário

7 **Projeto Coisas Boas**

- 10 Professora até nas horas vagas
- 11 A praça e a turma agradecem
- 12 Informática: a aula mais legal
- 13 O mestre autor de sua didática

15 **Projeto Minha Terra**

- 18 Percalços também educam
- 19 Cuidado com o linguajar!
- 20 Com ou sem cabo de rede
- 21 Em busca da conexão
- 22 Riquezas a se divulgar
- 23 De olho na rede

25 **Rede de Capacitação**

- 27 Revolução para todos
- 28 Tecnologia focada na aprendizagem
- 29 O virtual inspira o real
- 30 Um lugar de saber
- 31 Formação na prática

33 **Projeto Memórias em Rede**

- 36 Um cafuné
- 37 Só giz? Nem pensar
- 38 De professor para professor
- 39 De aluno-monitor a mediador

41 **Portal EducaRede**

- 43 Poesia online
- 44 Orientar para formar
- 45 Professora blogueira
- 46 O poder da Internet
- 47 Uma amizade duradoura
- 48 Monitoria: sucesso absoluto



Projeto **Coisas Boas**

Projeto Coisas Boas

O que tem de bom por aqui

Em 2004, o Programa EducaRede, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, elaboraram o projeto As Coisas Boas da Minha Terra, uma experiência inovadora de aprendizagem em rede entre cerca 800 escolas paulistas. A idéia original surgiu a partir de esforços conjuntos do EducaRede e da Secretaria para organizar uma proposta de projeto colaborativo na Internet que pudesse beneficiar diretamente alunos-monitores das salas de Informática e professores, além dos demais alunos da escola.

Utilizando a metodologia de projeto e recursos da Internet, Coisas Boas, em sua primeira edição (2004 e 2005), teve como mote o resgate da história e da cultura dos municípios do Estado de São Paulo, valorizando o conhecimento e os saberes das populações locais. O projeto inaugurou o ambiente

Comunidade Virtual, recém-lançado pelo Portal EducaRede, e a metodologia envolveu acompanhamento pedagógico à distância via EducaRede e por videoconferências realizadas na infra-estrutura tecnológica da Secretaria, a Rede do Saber.

No ano seguinte, 2006, depois de conhecerem melhor o lugar onde vivem, as escolas participantes foram convidadas a desenvolver ações de intervenção para a melhoria da realidade da escola e do seu entorno. O nome do projeto foi adaptado para Coisa Boas para Minha Terra. A partir de 2007, Coisas Boas passou a trabalhar com as duas temáticas: “Da Minha Terra” e “Para Minha Terra”, permitindo livre escolha para as escolas, e ainda lançou atividades de intercâmbio com escolas do EducaRed Argentina.

Coisas Boas envolve duas frentes de ação: a virtual, em que alunos e professores publicam suas produções e se comunicam uns com os outros; e a presencial, na qual as escolas concretizam suas ações planejadas virtualmente na Comunidade. Trata-se de uma experiência que ilustra como a aprendizagem em rede virtual pode possibilitar que cada participante seja autor da própria aprendizagem e protagonista de seu processo de construção do conhecimento, conforme sua disponibilidade e ritmo. No contexto da educação para o desenvolvimento humano, o aluno aprende e se desenvolve interagindo consigo mesmo, com os outros e com o seu entorno social. É ele quem define, planeja, executa e avalia as ações e o próprio processo de aprendizagem, sempre com a orientação, o apoio e a parceria do educador. Coisas Boas possibilitou ao EducaRede alcançar o objetivo de criar oportunidades para a realização de trabalhos em rede, bem como desenvolver aprendizagens que envolvam aprender a pesquisar, a se comunicar e a publicar na Internet.

Professora até nas horas vagas

▶ Como não havia Internet na escola, levei os alunos a minha casa ◀

Alair é professora de Geografia e, em 2005, também assumiu a coordenadoria da sala de informática da escola, na cidade de Torrinha, interior de São Paulo. Detalhe: trabalho voluntário. Em 2005, Alair aderiu ao projeto Coisas Boas junto a um grupo de seis alunos do Ensino Médio interessado em participar. “Mesmo lecionando pela manhã, à tarde e à noite, nas horas vagas, eu coordenava o grupo, acompanhava o projeto, preparava a sala de informática e planejava as aulas”, conta.

Sem acesso rápido à Internet na escola (e com seis alunos ávidos por pesquisar e publicar suas descobertas), a professora decidiu levá-los para usar o computador da sua própria casa. “A reunião era totalmente educativa, mas também aproveitávamos para ampliar nossa amizade, comíamos bolo, batíamos papo, crescíamos. Era um grupo muito unido e interessado”, conta. Com o tempo, Alair mobilizou outros professores e alunos da escola que, ao fazer parte do projeto, passaram a valorizar mais a própria cidade.

Tanto empenho rendeu a Alair o título de vencedora na categoria Uso do EducaRede no I Concurso Internacional EducaRede, promovido em 2007, cuja premiação fazia parte uma viagem a Madri. “Quando anunciaram meu nome na entrega do prêmio, eu tremia toda”, lembra. “Pra uma cidade com 10 mil habitantes, participar de um concurso internacional é uma coisa imensa. Acho que serviu para os alunos da cidade perceberem que nada é impossível.”



Alair Betti Della Coletta
É professora da EE Lázaro Franco de Moraes, em Torrinha (SP).

A praça e a turma agradecem

▶ Hoje a praça é da comunidade ◀

Marluce tinha computador em casa e havia feito vários cursos de informática, mas só sabia abrir e-mails. “Quando me pediram para entrar no projeto Coisas Boas, do Programa EducaRede, uma comunidade virtual de aprendizagem, achei um desafio”, lembra. Convidada a indicar o que havia de interessante no bairro, ela e os alunos foram às ruas. Foi quando, desolada, triste e abandonada, a praça vizinha à escola se revelou. “Ali viviam moradores de rua, os bancos estavam quebrados e a decoração era o piche”, descreve.

Ao investigarem mais sobre o lugar, os alunos descobriram que o apelido da praça – Largo do Salgado – vinha do sobrenome de um português, primeiro proprietário das casas e dos comércios dali. Ao saberem que Salgado ainda residia na região, logo o procuraram para uma entrevista. O segundo passo foi marcar um encontro com o secretário municipal do Meio Ambiente. Extremamente motivada, a garotada apresentou a ele um projeto de reforma da praça: mudar o piso, replantar árvores, instalar bancos. A prefeitura canalizou o rio ao lado e a Secretaria da Ação Social ofereceu um abrigo para os moradores de rua que ali viviam. “Hoje a praça é da comunidade.”

O computador? Sim, Marluce aprendeu a usá-lo quando teve de publicar com os alunos, na comunidade virtual, todo esse processo de mobilização em torno da praça: entrevistas, propostas, fotos e outros materiais documentais. “Eles têm uma paciência que nenhum professor de informática conseguiu me passar. Meus alunos me incluíram digitalmente”, brinca.



Marluce Gonçalves Dias Julião
É professora de História da EE São Paulo da Cruz, em Osasco (SP).

Informática: a aula mais legal

▶ Tive aluno que chorou por perder a aula de informática ◀

Nair é professora de informática. Contar com apenas 15 computadores no laboratório da escola para atender quase 1350 alunos não desmotiva essa educadora. Nair decidiu aderir ao projeto Coisas Boas, para ampliar a abrangência de seu trabalho e envolver outras disciplinas. “Um grupo da 8ª série escolheu o tema ‘drogas’. Entrevistamos ex-dependentes químicos que vivem numa pousada de recuperação, conhecemos a laborterapia (terapia pelo trabalho) e assistimos a palestras”, conta.

Outro grupo decidiu falar sobre a Igreja matriz de Dracena. Ela fica no ponto mais alto da cidade e sua cúpula é réplica da Basílica de São Pedro, que fica no Vaticano, em Roma. “Entrevistamos um arquiteto, que falou da mistura do estilo gótico da cúpula com o desenho moderno da nave da igreja”, conta.

Além de publicar as pesquisas no Portal EducaRede, as turmas divulgaram esses e outros trabalhos na Rádio Galera, que funciona na escola, nos intervalos das aulas. “Os alunos fizeram vinhetas de combate às drogas”, lembra. “Tive até aluno que chorou, porque tinha perdido a aula de informática para ir ao médico. Outros me pedem para tirá-los de outras aulas para vir para cá”, ri. Apesar de não atender a pedidos como esse, ela acredita que os outros professores só têm a ganhar, se utilizarem a Internet para envolver os alunos.



Nair Rodrigues Neves Boni
É professora de informática na EE 9 de Julho, em Dracena (SP).

O mestre autor de sua didática

▶ A escola precisa tornar-se autônoma ◀

A professora Aglaé atua na equipe de gestão da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e foi uma das idealizadoras do projeto Coisas Boas – iniciativa do Programa EducaRede para promover o trabalho colaborativo entre escolas, iniciada em 2004. “A escola precisa tornar-se autônoma. E isso ocorre quando ela tem a possibilidade de pensar sobre si e sobre seu papel em relação à tecnologia. Dar receitas prontas é inviável”, afirma Aglaé.

Para ela, alguns mestres ainda se sentem desmotivados e descrentes, pois costumeiramente são convidados apenas a executar propostas já pensadas pelos órgãos técnicos centrais. “Ao participar de um projeto como o Coisas Boas, por exemplo, cujo princípio é valorizar a autoria do educador de sala de aula, esse sentimento se transforma em satisfação profissional”, afirma.

Aglaé ressalta que a própria evolução da Internet, que passou de um espaço exclusivo de *download* (Web 1.0) para a era do *upload* (Web 2.0), deu ao professor um novo espaço para publicar, comunicar-se e ser autor de sua didática. “Não se trata de esvaziar o papel da equipe técnica da Secretaria, mas sim de aperfeiçoá-lo. É impossível homogeneizar as escolas. Só podemos estar nas 5,6 mil unidades escolares da rede paulista porque a Internet existe”, completa. “É preciso mudar o sentido do vetor: em vez de ser da Secretaria para a escola, o movimento deve ser da escola para a Secretaria”, conclui.



Aglaé Cecília Toledo Porto Alves
É a coordenadora responsável pela educação a distância da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.



Projeto
Minha Terra

Projeto Minha Terra



Direto da redação

O projeto é baseado no tripé: letramento digital, protagonismo juvenil e valorização da cultura local. Para participar, os estudantes organizam-se em equipes de reportagem e escolhem um entre quatro temas: “Quem quer brincar?” (sobre brincadeiras); “Viver e produzir” (sobre o mundo do trabalho e da produção); “Ô de casa” (sobre hábitos e características dos lares); e, por fim, “Festejos e festanças” (sobre as festas religiosas e não-religiosas).

Para incentivar e valorizar a participação dos estudantes, as equipes publicam, no Portal EducaRede, as próprias produções, sejam elas fotos, desenhos, textos, apresentações, arquivos em áudio e até em vídeo. Isso transforma alunos em produtores de conhecimento. O professor, em vez de delegar tarefas, atua como “chefe de reportagem”, para apoiar e orientar os trabalhos. No Portal, há materiais de apoio e dicas para a produção dos “alunos-repórteres”.

Depois de investigar e fotografar as coisas da terra, os alunos publicam o conteúdo no Portal e, durante todo o processo, interagem com os demais, por meio de *blogs* e chats. Aliás, essa é uma forma de aprender sobre a cultura de outros lugares do Brasil. Há também a rádio Minha Terra, pela qual todos ficam sabendo o que anda acontecendo na comunidade. O projeto é um sucesso: em pouco mais de quatro meses no ar, conseguiu reunir cerca de três mil internautas.



Percalços também educam



Adriane Macedo de Sousa

É coordenadora escolar de gestão da EEFM Lions Club, em Crateús (CE).

Lidar com lentidão e problemas técnicos faz parte

Adriane é coordenadora de uma escola onde há 16 computadores ligados à Internet. Ela reserva horários no contraturno das aulas para que os estudantes possam publicar suas produções no EducaRede. “Para participar do projeto Minha Terra e divulgar aspectos da história e cultura regionais na comunidade virtual, os

alunos coletaram muitos materiais, mas nem tudo foi ao ar porque eles mesmos devem digitar e postar os textos e as fotos. Como estão ainda se familiarizando com a Internet, seguem no seu ritmo. Se eu fizer tudo, nunca aprenderão”, pondera a educadora.

Quando soube do projeto, Adriane passou de sala em sala convidando os alunos para participarem da atividade extracurricular. Formaram-se, então, três grupos, com seis integrantes em média, do 8º ano ao Ensino Médio. Adriane conta que até os percalços são educativos. “Às vezes, eles ficam impacientes com a lentidão da conexão. Mas lidar com problemas técnicos, com senhas e com lentidão também faz parte do uso da informática”, analisa. Outro ganho fundamental é o aperfeiçoamento da leitura e da escrita dos adolescentes. Afinal, eles têm de entender o que lêem em suas pesquisas, bem como precisam produzir textos para leitores reais e publicá-los em um veículo igualmente real – situações contextualizadas, que vão além do texto feito sem propósito, entregue apenas com o intuito de tirar nota.

Cuidado com o linguajar!

Na Internet, também é preciso cuidar do vocabulário

Acostumados aos sites de relacionamento e às salas de bate-papo, alguns alunos de Andreia, professora de Literatura e Língua Inglesa, estavam usando palavras chulas e termos inadequados para se comunicar pela Internet com jovens de outros cantos do país na comunidade virtual do projeto Minha Terra. Ela aproveitou a situação para mostrar que, na rede, também é preciso cuidar do vocabulário e do jeito como se escreve, de acordo com o objetivo do ambiente. “Lembrei a eles que havia uma equipe séria organizando as atividades, além dos professores envolvidos e dos próprios alunos de todas as escolas participantes”, conta.

Entendida a dinâmica da comunidade de aprendizagem, a turma pôde contar ao Brasil tudo o que de belo descobriu sobre a cidade, como por exemplo, a tradição dos piquetes. Anualmente, muitos gaúchos se reúnem nos chamados piquetes, espécie de acampamentos em que é possível reviver o modo de vida na época dos Farrapos*. Para redigir os textos e registrar em fotos, os estudantes foram a campo. “Foi emocionante. Alguns deles voltaram cantando canções antigas e tradicionais que haviam aprendido com a vivência”, relata Andréia.

Para a professora, dar voz aos jovens representa renovação no ensino. “Tudo o que ocorre aqui em nossa cidade está contado em livros e até mesmo na Internet. Mas o que meus alunos fizeram, ao participar do projeto, foi começar a criar uma literatura paralela, baseada nas suas descobertas e experiências sobre a própria história. Textos assim são uma fonte alternativa e fidedigna de informação. E eles são os autores”, afirma.



Andreia Rozangela Ramos de Abreu
É professora da EEEB Marcus Vinícius de Moraes, em Sapucaia do Sul (RS).

* A Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha ocorreu no Rio Grande do Sul na época em que o Brasil era governado pelo Regente Feijó (Período Regencial). Esta rebelião, gerada pelo descontentamento político, durou por uma década (de 1835 a 1845).



Com ou sem cabo de rede

▶ Não digitei e nem poste nada sozinha; isso é tarefa e aprendizado deles

Entusiasta dos meios digitais, a professora Mônica aliou tecnologia ao cotidiano dos alunos. Ela leciona a disciplina Cultura Baiana e sempre aborda temas como desemprego e marginalização da população negra. “Decidi unir essas pesquisas com inclusão digital”, conta Mônica.

Na escola onde atua, o acesso à Internet é precário. O laboratório de informática tem cerca de oito computadores, sem conexão. “Achei que o problema era a falta dos cabos de rede e até pensei em fazer uma vaquinha. Mas o problema técnico era mais complexo”, relata Mônica. Mas a professora não desistiu: solicitou Internet à Secretaria de Educação e, ao mesmo tempo, pôs a turma para fazer as entrevistas e pesquisar em bibliotecas, jornais, revistas e, por conta própria, na Internet (em “lan houses” ou na casa de amigos). “Não digitei e nem poste nada sozinha. Isso é tarefa e aprendizado deles”.

Mônica também exigiu análise crítica nas pesquisas. “Os alunos não repetiram os estereótipos sobre o carnaval de rua de Salvador”, relata. Por isso, fizeram textos denunciando, por exemplo, que por trás da festa há um *apartheid* social: só festejam os turistas e a classe média, que dispõem de dinheiro para pagar pelo ingresso. A população pobre, moradora do lugar, fica de fora.



Mônica Sepúlveda Fonseca
É professora do Colégio Estadual Monsenhor Manoel Barbosa, em Salvador (BA).

Em busca da conexão

▶ Na escola não tem Internet, mas a gente vai à casa dos amigos ou a “lan houses”

“Gosto de usar a Internet. Com ela, a gente conversa com outras pessoas, faz pesquisas e pode até viajar pelo mundo. Eu, por exemplo, já fui à Itália e à Alemanha”, conta entusiasmado o pequeno turista virtual Bruno, de 12 anos, aluno da 6ª série, que adora as aulas de informática.

Assim como ele, o irmão gêmeo, Breno, descobriu muitas coisas incríveis por meio (e por causa) da Internet. Ao participar do projeto Minha Terra, em 2007, os irmãos conheceram o que há de bonito e de valioso no lugar onde vivem. “A festa de São João que temos aqui muito diferente da de outros lugares do Brasil. Muda tudo: a comida, a música, o jeito da festa. Não temos vinho quente e quentão, por exemplo, mas milho e amendoim tem de sobra”, ensina o garoto.

Ainda não há Internet na escola onde os dois meninos estudam. Mas enquanto os computadores esperam pela conexão, eles e seus colegas acessam a rede da casa de amigos ou em “lan houses”, a pedido da regente da sala. “Tenho e-mail há um ano. Por ele, converso com a professora e com os colegas, troco arquivos. Não imagino o mundo sem Internet. Aqui tem pouca biblioteca, então ela é uma saída para a falta de livros”, conclui Bruno.



Bruno Benzano Queirós e Breno Benzano Queirós
Têm 12 anos e são alunos da 6ª série do Colégio Estadual Monsenhor Manoel Barbosa, em Salvador (BA).



Riquezas a se divulgar

▶ O legal da *net* é descobrir a cada dia, ferramentas e pessoas novas ◀

Erique da Costa Fonseca
É aluno do 2º ano do Ensino Médio da EE Augusto Antunes, de Santana (AP).

“É importante levar a identidade do nosso Estado ao conhecimento de todo o Brasil. Sem contar que é muito legal conhecer a de outros”, afirma Erique, aluno do 2º ano do Ensino Médio. Ele participou do projeto Minha Terra em 2007, pesquisando sobre a festa da padroeira de Santana, cidade onde vive.

“Depois de pesquisas na Internet e de entrevistas, a gente fez os textos e as fotos com a professora de Geografia. Usamos a máquina digital da escola para isso. Aprendi, inclusive, a descarregar as fotos”, conta.

Para Erique, a Internet possibilitava a busca de informações, mas ele não imaginava que poderia produzir e publicar seus próprios conteúdos. Ele também ganhou um e-mail por conta do projeto. “Assim fico por dentro dos boletins do EducaRede”, destaca. Até mesmo a entrevista para esta publicação foi marcada pelo correio eletrônico. “Eu também me correspondo com um garoto chamado Caio, que mora no Sul, por e-mail. O mais legal da ‘net’ é descobrir, a cada dia, uma ferramenta nova e gente diferente”, diz.

Erique se orgulha de ter nascido na região Norte. “Muita gente não conhece a região, com suas matas, sua culinária e o Rio Amazonas. Para mim, divulgar é ajudar o meu lugar a se desenvolver”, conclui.

De olho na rede

▶ Nem tudo o que aparece na Internet é confiável ◀

Ao investigar, como **aluna-repórter**, sobre o lugar onde vive, Fabiana, que está na 8ª série e tem 13 anos, descobriu coisas muito interessantes. “Minha mãe trabalha no posto de saúde e meu pai é agricultor. Por isso, não fazia idéia de que aqui havia fábricas de temperos e de doces, de onde muita gente tira o sustento da família”, conta Fabiana. Todo o conteúdo pesquisado por ela e seus colegas foi publicado no Portal EducaRede.

“Dá um frio na barriga. É muita responsabilidade escrever para tanta gente. Mas até hoje nunca ninguém criticou”, confessa a jornalista-mirim. Ela diz que gostou muito de conhecer a cultura de outros lugares do país por meio do portal. A Internet, para ela, é fonte rápida e farta de informação. “Mas a gente toma cuidado. Depois de pesquisar, anotamos e vemos se serve. Nem tudo que aparece é confiável”, alerta a menina.



Fabiana Coelho Pedrosa
É aluna da EEEFM Lions Club, em Crateús (CE).

Fabiana diz que a escola sempre informa os pais sobre o desempenho e o progresso dos alunos. “Eles se sentem orgulhosos de ver os filhos estudando em vez de estar na rua”, diz Fabiana. O avanço também pode ser sentido no próprio uso da Internet. Antes os alunos se dedicavam apenas aos sites de relacionamento ou às salas de bate-papo. Hoje buscam muito mais...



Rede de Capacitação



Rede de Capacitação

Pela multiplicação do saber

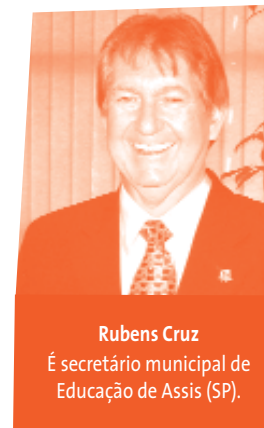
A Rede de Capacitação é uma ação de formação semi-presencial do Programa EducaRede cujo objetivo é disseminar junto a professores e gestores de Secretarias de Educação uma metodologia de uso pedagógico da Internet, tendo como base o Portal EducaRede. Em contrapartida, os governos locais cedem espaço e computadores para a realização das oficinas de capacitação. A idéia é que cada participante repasse os conhecimentos adquiridos para outros educadores em suas localidades.

Em 2007, os encontros presenciais ocorreram em três cidades paulistas: Indaiatuba, onde foram atendidos 39 capacitadores de 22 municípios da região; São José dos Campos, para 23 multiplicadores de 10 cidades do Vale do Paraíba; e Santo André, para 89 profissionais de 19 municípios da grande São Paulo. Nos eventos, os professores participaram de uma palestra sobre Letramento Digital e também de oficinas práticas sobre o uso pedagógico da Internet. Nelas, aprenderam a comunicar, publicar e pesquisar por meio da rede mundial.

O EducaRede também desenvolveu material de apoio impresso e multimídia (vídeo-aula), que dá subsídios aos novos capacitadores. Afinal, o desafio deles é ensinar seus colegas a trabalhar com a Internet nessa nova perspectiva. Depois dos encontros presenciais, os 151 formados ainda participam do fórum e do *blog* da comunidade, além de bate-papos para tirar dúvidas. Juntos, eles já formaram mais de 2,1 mil professores.

Revolução para todos

▶ Nas escolas, não havia orgulho em falar da sala de informática ◀

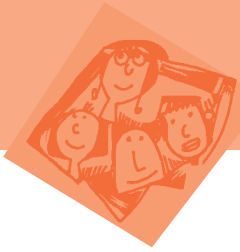


Rubens Cruz
É secretário municipal de Educação de Assis (SP).

Quando assumiu a Secretaria de Educação de Assis (SP), em 2005, Rubens visitou algumas escolas. “As diretoras mostravam orgulhosas a biblioteca ou a cozinha, mas pareciam frustradas ao falar da sala de informática, pois faltava quem cuidasse do espaço”, conta. Porém, em vez de contratar professores para o laboratório, ele decidiu ensinar a todos a usar a máquina em suas aulas. “Cerca de 87% dos professores sequer tinham e-mail. Eram excluídos tanto quanto ou até mais que os alunos”, analisa.

Ao falar da decisão, Rubens foi chamado até de louco. “Foi um alvoroço, mas mostrei que todos podiam aprender”, lembra. Para reforçar a medida, a Câmara de Vereadores tornou lei o ensino de informática. Em 2006, Rubens participou do III Congresso Ibero-Americano EducaRede e percebeu que não estava só em suas convicções. “Fiz do Portal meu grande parceiro na jornada”, afirma. Depois de montado o núcleo de tecnologia, quatro professoras participaram da Rede de Capacitação. O objetivo é formar 100% dos docentes para o uso didático da Internet até 2008.

Agora os concursos para contratação de professores em Assis exigem o domínio da informática; o processo de licitação das torres de Internet rápida via rádio está a pleno vapor e já há cerca de 15 computadores por escola. “E por que não pensar em ter, em breve, um computador em cada sala de aula?” Assim seja.



Tecnologia focada na aprendizagem

▶ O **EducaRede** justifica a necessidade da Internet nas escolas ◀

Ao participar do III Congresso Ibero-Americano EducaRede, em 2006, Ednilson viu que, no portal EducaRede, encaixava-se todo o trabalho que ele e sua equipe já vinham desenvolvendo nas escolas municipais de Piracicaba. “Passamos a usar o portal para fazer da Internet um novo espaço pedagógico. É fundamental transformar a informação em conhecimento.”

“Sempre pensei na tecnologia com foco na aprendizagem, e não para acúmulo de informação ou para passar o tempo das crianças. Só que eu não sabia como fazer isso”, explica. Para Ednilson, o uso do portal auxilia o docente nas possibilidades de pesquisa e estimula a criatividade e a reflexão crítica diante das informações. “O propósito não é tornar o professor especialista em Internet, mas mostrar como ele pode usá-la na escola.”

Em 2007, Ednilson participou da Rede de Capacitação e, apesar da falta de estrutura no município (as escolas não possuem Internet, por exemplo), conseguiu capacitar 60 docentes. “Esse era o limite de vagas, porém houve mais de 250 inscrições”, conta. Atualmente há 34 laboratórios sem conexão. “O projeto do EducaRede nos dá a justificativa para que isso mude”, afirma. “Em 2008, há planos para inaugurar o núcleo de tecnologia educacional, onde serão capacitados aqueles que ficaram de fora este ano”.



Ednilson Juliatti
É responsável pelo Departamento de Tecnologia Educacional de Piracicaba (SP).

O virtual inspira o real

▶ Na Internet, a interação é maior; nela, não há autoritarismo ◀

Eliata Silva
É multiplicadora do Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE8 –, em Barreiras (BA).

“Um espaço onde a comunicação é mais democrática”. É assim que a professora Eliata define a Internet. “O diálogo entre alunos e tutores é mais aberto, a interação no ambiente virtual é maior do que no espaço presencial e as trocas são constantes, não há autoritarismo”, afirma a professora. Para ela, o mundo virtual funciona tão bem que deveria inspirar o modo como as aulas se dão presencialmente.

Eliata é formadora de professores de escolas públicas para o uso das novas tecnologias. Com apoio do Programa EducaRede, já capacitou uma turma de 82 educadores. E outras devem se formar para 2008. Para vários docentes, essas capacitações foram o primeiro contato que tiveram com a Internet. Agora eles já participam dos fóruns, com temas relevantes à prática docente. Dessa forma, aperfeiçoam seus conhecimentos pedagógicos ao mesmo tempo em que fazem uso da tecnologia.

Ela afirma que os professores utilizam diversas ferramentas do Portal EducaRede para incrementar as aulas. “Vemos a vontade que têm de usar o portal, mas a maior parte das escolas públicas da cidade ainda não têm Internet”. Por isso, o núcleo de tecnologia educacional, onde Eliata trabalha, é uma das poucas opções para alunos e professores. “Paralelamente às atividades de sala de aula, eles vêm aqui pesquisar, publicar os trabalhos e construir seus *blogs*”, diz.



Um lugar de saber



Maria Thereza Pereira Moraes Parellada
É formadora do núcleo de tecnologia educacional da Secretaria de Educação de Assis (SP).

▶ Sem a Internet, como os alunos visitariam um museu em Paris? ◀

Maria Thereza é formadora de professores da rede municipal de educação de Assis (SP). Em 2007, ela participou da Rede de Capacitação do Programa EducaRede, uma ação de formação de formadores para o uso pedagógico da Internet, e tornou-se uma capacitadora local.

Com três oficinas já realizadas e 60 professores participantes, ela se orgulha do resultado. “No começo foi difícil, principalmente entre os mais velhos, que se sentiam inseguros diante de um recurso tecnológico tão atual. Mas quando viram que podiam postar seus arquivos e fotos e ainda trocar comentários, eles mudaram de idéia”, conta. “Tem fila de espera para uma nova capacitação e vamos marcar um segundo momento, para atender a essa demanda”, afirma.

Maria Thereza acredita que a informática torna as aulas mais atraentes e coerentes com o mundo atual. “Como nossos alunos poderiam visitar um museu em Paris se não fosse pela Internet?”, pergunta. Nas salas de informática da rede há um relatório para que os professores registrem a atividade e os objetivos alcançados. “Recolhemos o material a cada dois meses. Os professores alfabetizadores, por exemplo, mostraram que turmas que usaram o computador avançaram mais na escrita que as demais”, conta. Além do ganho na aprendizagem, Maria Thereza afirma que essas aulas são mais um estímulo para as crianças irem à escola.

“O medo de o aluno saber mais que o professor deu lugar à troca e ao crescimento mútuo. É preciso dar aos estudantes seu lugar de saber. Assim, criamos cidadãos e professores realmente preparados para o século 21”, completa.

Formação na prática

▶ Os professores publicavam, se emocionavam, queriam mais... ◀

Desde 2003, Paloma forma professores da rede municipal de ensino para o uso pedagógico do computador. Em 2007, ela participou da Rede de Capacitação do EducaRede, que lhe possibilitou um contato com a tendência da Internet chamada *Web 2.0*, em que o internauta é estimulado a ser autor e publicador de conteúdos. “Até participar da formação do EducaRede, os projetos que tínhamos em nossa rede de ensino eram fechados e sem o uso da Internet. Por isso, havia pouco compartilhamento de idéias entre as escolas”, explica.

Ela lembra que o trabalho com o computador era feito apenas com softwares fechados. Alunos e professores utilizavam, por exemplo, enciclopédias para pesquisas ou programas de cunho didático. “Em 2004, implantamos a Internet, mas não investíamos muito em aprendizagem colaborativa”, conta. Na época, o secretário municipal de Educação designou então um professor para cada escola. Além de auxiliar os demais a usar os recursos tecnológicos, eles tinham por meta formar os colegas em serviço.

Assim que se tornou uma capacitadora local, Paloma usou o material de apoio do EducaRede, adaptando a proposta metodológica conforme a necessidade dos grupos que estava formando. Nenhuma formação, portanto, foi igual à outra. “Conforme os professores publicavam, viam as fotos dos outros, se emocionavam por aprender, queriam mais. Não tivemos trabalho pra convencê-los em relação aos ganhos e avanços que a Internet pode trazer. Bastou fazer.”



Paloma Epprecht Machado França
É formadora de professores em São Bernardo do Campo (SP).



Projeto Memórias em Rede



Projeto Memórias em Rede

Minha escola: recordar para valorizar

Desde que começou a atuar no Brasil, em 2002, o Programa EducaRede e a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo vêm realizando projetos conjuntamente. Dessa união já nasceram muitos projetos de sucesso, desde formação de professores da rede até apoio no desenvolvimento do projeto político-pedagógico de uma escola. No ano de 2006, essa união gerou o Caderno de Orientações Didáticas – Ler e Escrever – Tecnologias na Educação, uma experiência altamente inovadora em gestão educacional, pois teve

caráter oficial e foi elaborada por um grupo de POIEs (professores orientadores de informática educativa) da própria rede. O material, disponível para *download* no Portal EducaRede, traz várias propostas de atividades para a sala de informática.

Para incentivar e acompanhar o uso do Caderno pelos demais professores da rede, em 2007, o mesmo foi disponibilizado para um grupo de 200 POIEs ingressantes no projeto Memórias em Rede. A idéia era constituir uma comunidade virtual no Portal EducaRede, de professores e alunos, possibilitando assim a realização das atividades do Caderno dentro de um contexto significativo e o desenvolvimento de aprendizagens do letramento digital: pesquisar, comunicar e publicar na Internet. O foco no resgate da memória permitia fortalecer a identidade local e, ao mesmo tempo, ampliar repertórios a partir das trocas possibilitadas pelas ferramentas tecnológicas.

Memórias em Rede abrangeu a realização de dois cursos optativos em formato semipresencial. O primeiro visava a capacitação dos POIEs para a formação do aluno monitor e para o desenvolvimento das atividades do projeto. O segundo curso foi dirigido à equipe de Tecnologia das Coordenadorias de Educação, para que atuassem como mediadoras da Comunidade Virtual.

Em seu primeiro ano, Memórias em Rede reuniu mais de duas mil pessoas, entre professores, alunos-monitores e alunos. Na galeria, foram publicados cerca de 1,2 mil textos e imagens e, na arquivoteca, mais de 300 arquivos, como vídeos e áudios. Ao final, os grupos de alunos-monitores publicaram relatos coletivos, que fazem parte de um livro virtual



Um cafuné



Elaine Bernardo de Oliveira Queiros
É integrante da equipe de Tecnologia da Coordenadoria de Educação de São Miguel Paulista, da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

▶ Percebi que também existem sentimentos no mundo virtual ◀

Elaine faz parte da equipe responsável pela formação dos professores da sala de informática das escolas paulistanas da região de São Miguel Paulista. Em 2007, ela enfrentou um desafio profissional: tornar-se uma das mediadoras da Comunidade Virtual do Projeto Memórias em Rede. “Eu não sabia que sabia mediar, fiquei muito satisfeita comigo mesma. Achava que curso a distância era uma coisa fria, mas fazendo a mediação percebi que há vida, que existem sentimentos, sim, no mundo virtual”, conta a educadora.

Junto com mais 20 técnicos da Secretaria Municipal de Educação, Elaine participou do curso de Mediação em Comunidade Virtual, realizado pelo Programa EducaRede. A experiência estreitou as relações de Elaine com muitas escolas, especialmente com os alunos. Ao mediar as postagens no *Blog* da Comunidade, ela conseguiu estabelecer, de fato, uma interação com os estudantes. “Nós (mediadores) e nossos alunos demos um grande passo, pois não basta escrever. É preciso se fazer entender sem usar artifícios; isso sim é ser letrado.”

No Fórum, pôde refletir e pesquisar junto com os professores sobre o uso das tecnologias na educação. Na Galeria, acompanhava o andamento dos projetos nas escolas e, quando notava alguma dificuldade, Elaine marcava uma visita à escola. Para ela, a experiência de mediação lhe deu o privilégio de ser mestre e aprendiz ao mesmo tempo. “Me senti muito próxima de todos, como se pudesse fazer um cafuné...”

Só giz? Nem pensar

▶ Eu só escrevia na lousa. Com o computador, despertei para o trabalho coletivo ◀

Como professor, o contato de Enock com o computador resumia-se em levar a turma ao laboratório de vez em quando, até o momento em que se tornou responsável pela sala de informática da escola. “Sempre fui individualista e só escrevia a matéria na lousa. Com o uso do computador, estou realizando tarefas em grupo com as turmas”, conta Enock, que percebeu a importância do trabalho coletivo.

Antes da capacitação, realizada pela Secretaria Municipal de Educação e pelo Programa EducaRede, ele não fazia registros fotográficos e nunca havia saído em excursão com os alunos. Docente de Matemática, explicava a matéria e passava listas de exercícios. Aos 34 anos de profissão, descobriu as possibilidades didáticas proporcionadas pela tecnologia. “Na minha disciplina, por exemplo, vi que o aluno pode pesquisar diversos autores ou encontrar o significado de palavras desconhecidas”, comenta.

Brincalhão, ele conta que sempre cativou os alunos pela conversa e pela amizade. Agora o computador tornou-se mais um elemento de atração para os jovens. E ele também busca parcerias com os colegas das outras disciplinas, seja para complementar as aulas destes ou para convencê-los a deixar de usar somente o giz. “É um trabalho de formiguinha. Forçar o professor ou o aluno a ir à sala de informática não funciona. Tem que haver motivação”, conclui.



Enock de Carvalho Oliveira
É professor de Matemática e orientador da sala de informática da EMEF João de Deus Cardoso de Mello, em São Paulo.



De professor para professor

Só virtualmente é possível a Secretaria estar junto das escolas

Em 2002, o Programa EducaRede firmou parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo para realizar oficinas de formação de professores. Na época, a Internet estava chegando às escolas.

Mas foi em 2006 que essa parceria atingiu o auge da inovação. Decidida a valorizar o trabalho dos Professores Orientadores das Salas de Informática (POIEs), função específica da rede paulistana, Lia reuniu um grupo de POIEs representantes das 13 coordenadorias de ensino da capital para planejar seqüências didáticas de trabalho com Internet em sala de aula que pudessem ser disseminadas.

Com o apoio do EducaRede, realizou encontros presenciais de formação e atividades à distância na Comunidade Virtual do EducaRede. “Eles aprenderam a sistematizar os conteúdos, definir o tempo das atividades, levantar o conhecimento prévio dos alunos e registrar as aulas”, explica. A iniciativa gerou a produção de um material oficial do órgão gestor: Caderno de Orientações Didáticas – Ler e Escrever – Tecnologias na Educação, cujo caráter inovador está no fato de ter sido elaborado pelos próprios professores, ou seja, de professor para professor.

O uso do Caderno pelos demais professores com seus alunos ocorreu em 2007, por meio de uma comunidade virtual de aprendizagem que teve como mote a memória e a cultura local. Batizada de Memórias em Rede, provocou uma mudança de postura significativa entre os docentes. “Muitos professores achavam que era preciso aprender primeiro para depois ensinar ao aluno. Puderam ver como é valioso apostar no aprender junto”, avalia. Atualmente, as escolas formam alunos-monitores, para apoiar o professor no desenvolvimento desse e de outros projetos da rede. “Com quase 50 mil professores, a Internet veio facilitar nossos encontros”, conta. “Só virtualmente é possível a secretaria estar junto das escolas.”



Lia Cristina Lotito Paraventi
É coordenadora da área de tecnologia da Diretoria de Orientação Técnica da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

De aluno-monitor a mediador

Aprendi a ser mais paciente e sociável

O estudante Caio, de 14 anos, reconhece a comunicação digital como uma habilidade essencial para o século XXI. Hoje, seu cotidiano é cercado por mensagens e conversas virtuais, tanto em ambientes educativos como em espaços da vida pessoal. Em 2007, teve a oportunidade de se tornar aluno-monitor da sala de informática da escola, ao participar do Projeto Memórias em Rede.

“Meus ganhos foram além da aquisição de conhecimentos técnicos em informática”, enfatiza. Ao apoiar o professor e seus colegas nas atividades de pesquisa e publicação na Internet, Caio teve de aprimorar sua postura. “Aprendi a ser mais paciente e sociável, coisa que eu definitivamente não era...”, brinca. “Passei a ver a escola com outros olhos, conheci melhor os funcionários, os professores”.

Na Comunidade Virtual do Memórias em Rede, Caio foi um participante de destaque. Semanalmente, ele postava no *blog* suas realizações como aluno-monitor e compartilhava com colegas de outras escolas situações de sua vida escolar. “Encarava o EducaRede como uma espécie de diário”, explica. A possibilidade de interagir com alunos de localidades diferentes foi o aspecto que mais o cativou. “É motivador para o aluno produzir um texto, poder publicá-lo na Internet e ainda receber comentários.”

De tanto se comunicar digitalmente, Caio foi convidado para ser mediador do fórum da Banda Evanescence, da qual é fã. “Como eu enviava muitos comentários nas comunidades da banda no Orkut, fui convidado a mediar um fórum de fãs. “Aceitei na hora”. Segundo o estudante, a experiência como aluno-monitor foi fundamental, já que precisou ter muita paciência com certos fãs que não se detinham no foco das discussões.

Caio Fernandes Polli
Foi aluno-monitor da EMEF Cândido Portinari





Portal EducaRede



Portal EducaRede

Internet e letramento digital

Lançado em 2002, o EducaRede é um portal educativo, totalmente gratuito e aberto, dirigido a educadores e alunos dos ensinos Fundamental e Médio da rede pública. Seu objetivo é contribuir para a melhoria da qualidade da educação por meio do uso pedagógico da Internet, proporcionando aos internautas o desenvolvimento de aprendizagens relacionadas ao letramento digital: pesquisar (síntese e análise crítica), publicar conteúdos (autoria), comunicar (interatividade) e aprender em rede (cooperação e colaboração).

Para apoiar a pesquisa, o Portal oferece conteúdos exclusivos e de parceiros, baseados em temas atuais e desafiadores, especialmente relacionados às práticas educativas de ensinar com Internet, além de informações e serviços úteis para educadores e alunos.

As ferramentas interativas que permitem comunicação e publicação pelos usuários são: fóruns, salas de bate-papo que podem ser agendadas, galeria de arte para exposição de produções dos alunos e oficina de criação coletiva de textos.

O EducaRede possibilita, ainda, a criação de comunidades virtuais de aprendizagem autônomas, ou seja, um ambiente especialmente elaborado para o desenvolvimento de projetos educacionais colaborativos.

Poesia online

▶ Havia alunos que eu nunca vi pessoalmente. E essa era a idéia ◀



Roberto Marquedonen dos Santos

É professor da EEEM Liceu, em Acaraú (CE). Em 2003, atuava no Núcleo de Tecnologia Educacional de Acaraú (CE).

Em 2003, o Portal EducaRede oferecia oficinas literárias mediadas por um escritor convidado. Após acompanhar uma delas, o professor Roberto teve a idéia de realizar ele próprio uma oficina com seus alunos e concentrar a proposta em questões regionais do seu território. Na época, porém, a publicação dos textos de seus alunos só poderia ser feita pela equipe interna do Portal EducaRede, em São Paulo. “Eu e meu colega Ivaldo pedimos ao EducaRede para mediar as oficinas, mas o ambiente não tinha sido criado para gestão autônoma do usuário. Mesmo assim, a equipe decidiu apoiar a idéia. A experiência possibilitou que o EducaRede realizasse adaptações para possibilitar que outras iniciativas como essa pudessem ocorrer”, conta.

Roberto realizou as oficinas de poesia, valorizando a cultura local. Ele e Ivaldo recebiam os poemas por e-mail, faziam a revisão e os devolviam à turma também por e-mail. Depois, a equipe do EducaRede publicava no Portal. “Como atuava na Secretaria de Educação, havia alunos que eu nunca vi pessoalmente. E essa era a idéia: mostrar que o mundo é também virtual.”

Para ele, a informática educativa lida com a diversidade, cria ambientes colaborativos e forma alunos e professores que se ajudam mutuamente. Roberto repetiu por três anos a experiência, que foi levada pela Secretaria Estadual a mais de 100 municípios. “Em Acaraú, o trabalho dos alunos virou até livro, com direito à noite de autógrafos”, orgulha-se.



Orientar para formar

▶ Nosso papel como educadores é orientar o uso da máquina ◀

Em 2005, Antonia Lucelia e seus alunos de 8ª série publicaram um livro virtual no Portal EducaRede chamado *A Estrada da Fé – uma caminhada contada em versos*. Tendo como tema as romarias, nas pesquisas e nas entrevistas com os romeiros (que caminham quilômetros até chegar a Juazeiro do Norte), os alunos descobriram a história do município, as dificuldades do povo e a falta de investimento do poder público no turismo religioso. Buscaram também artistas de xilogravura e de cordel para ilustrar e apresentar o trabalho.



Antonia Lucelia Santos Mariano
É professora de Ciências e multiplicadora de informática educativa, na EEEF Amália Xavier, em Juazeiro do Norte (CE).

Até se tornar vencedora do I Concurso Internacional EducaRede na categoria Uso do EducaRede (e chamar a atenção da rede de ensino local para a importância da sala de informática), Lucelia conta que o caminho foi árduo. Como era responsável pelo laboratório, enfrentava resistências. Alguns professores, por exemplo, não permitiam a entrega de produções digitadas, por medo de cópias. “Mostrei que, mesmo a mão, os textos também podiam ser cópias, e que nosso papel como educadores era orientar o uso da máquina”, ressalta.

Lucélia critica o fato de diversas universidades, ao formar o professor, não oferecerem a disciplina Informática Educativa. “O nosso aluno sabe mais da técnica do que nós, mas não tem o discernimento para usar da melhor forma essas ferramentas”, conclui.

Professora blogueira

▶ No *blog*, há posts com mais de 100 comentários ◀

Gládis leciona *Língua Portuguesa*, mas há sete anos atua como coordenadora da sala de informática. Em 2005, ela colocou no ar o seu primeiro *blog*. Recebeu então, do Portal EducaRede, o convite para participar de um bate-papo sobre *blogs* educativos. “Foi aí que conheci vários professores que faziam o uso educacional da ferramenta”, lembra.

Em junho de 2005, durante uma licença-prêmio, ela coordenou pedagogicamente a série Conexão XXI, de programas de TV para jovens. A série foi exibida inicialmente na TV BV (Band SC) e depois na Rede TV Sul (REDE TV).

“Percebi que os temas poderiam ser usados em um videolog. A produtora liberou os direitos autorais, e os professores da minha escola, e até de outros estados, passaram a usar o conteúdo em sala de aula”, conta.

Em fevereiro de 2006, ela voltou à escola e estimulou o planejamento dos demais professores, com base no material. E deu certo. Pela ferramenta de comentários, os adolescentes postam textos opinativos e exercitam o direito à expressão. O *blog* Palavra Aberta – Intercâmbio de Idéias no Ciberespaço foi o projeto que deu à professora o título de vencedora do I Concurso Internacional EducaRede, na categoria Uso da Internet. “Há *posts* com mais de 100 comentários. Para um *blog*, isso é muita coisa”, analisa. “Quero que o projeto continue, pois atende a várias disciplinas, é atual e os temas são pertinentes.”



Gládis Leal dos Santos
É professora de Língua Portuguesa e coordenadora da sala de informática da EM CAIC Professor Mariano Costa, em Joinville (SC).



O poder da Internet

▶ No EducaRede, as pessoas se movem pela cidadania ◀



Inácio Szabo
É engenheiro e
mestrando em Ciência
da Informação pela
Universidade Federal
da Bahia (UFBA).

A tese de mestrado que o engenheiro Inácio pretende apresentar analisa a forma como se disseminam as comunidades virtuais. “Meu enfoque, porém, é humanista e não tecnológico”, ressalta. Dentre as 20 comunidades estudadas, estão as do Programa EducaRede. “Nele, percebi o sentimento de pertencimento dos participantes”, explica.

Inácio conta que as comunidades podem existir por interesses comuns dos inscritos (por exemplo, os que gostam de cinema). “Nesse caso o interesse é mais individual que coletivo”, coloca. Já a comunidade educacional é voltada ao estudo de algo específico (como a Matemática) e a comunidade de práticas reúne pessoas da mesma atividade profissional. O EducaRede se enquadra em um último tipo: comunidade de conhecimento. “É quando existe o senso de pertencimento e as pessoas se movem pela cidadania e pela transformação social.”

Para ele, a diversidade dos recursos do portal (fóruns, blogs, boletins, mapa interativo) cria um elo entre o mundo real e o virtual. “O coletivo se dá, normalmente, na sala de aula ou na escola. Aqui, falamos de quebra de barreiras geográficas”, aponta. “Com isso, o aluno ganha ferramentas para que, no futuro, possa buscar soluções para problemas graves, como o aquecimento global, em parceria com gente do mundo todo. Esse é o poder da Internet.”

Uma amizade duradoura

▶ A amizade com a professora argentina abriu espaço para novas parcerias ◀

Em 2006, os alunos de Ingrid participaram do projeto *Drama Club Webwriter*, em que leram um livro em inglês e adaptaram o texto para o teatro, usando como ferramenta a Internet. A professora foi uma das vencedoras do I Concurso Internacional EducaRede, na categoria Uso da Internet e, com isso, foi convidada a fazer um projeto em parceria com Mirta Vargas, professora argentina também vencedora do Concurso, naquele país.

O tema escolhido para o *blog* foi Ecologia. Além de publicar conteúdos na ferramenta, cada turma (composta por seis alunos) tinha de mostrar à outra um pouco sobre a escola e o dia-a-dia dos alunos. A comunicação entre eles era por escrito. “A certa altura, chegaram a usar abreviações para escrever. Um aluno meu fez até uma lista das mais usadas pelos argentinos. Quando a comunicação travava, o Inglês entrava em ação como terceira língua”, lembra Ingrid.

A autonomia dos alunos durante o projeto rendeu frutos. “Eles aprenderam como usar novas ferramentas ao conversar com a turma de lá”, conta Ingrid. “Ao fim da jornada, eu e Mirta nos tornamos amigas”, revela. “Agora existe um canal saudável e produtivo para futuros projetos em parceria, que só é possível por conta do mundo virtual.”



Ingrid Kuchenbecker Broch

É professora de Inglês do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre (RS).



Portal EducaRede

Monitoria: sucesso absoluto

- ▶ Tenho cerca de 80 alunos-monitores por período. E até suplentes! ◀

“Meu modo de pensar, de ensinar e de ver a Educação mudou com a Internet. Hoje, não consigo fazer um projeto sem utilizar a rede e os recursos do computador”, conta a professora Paloma. E a mudança não foi só profissional. “Até para fazer compras eu navego”, revela.

Ela foi uma entre três educadores da Escola Municipal Pracinhas da Força Expedicionária Brasileira acompanhados pelo Programa EducaRede em 2004. O objetivo era testar o uso do Portal com os alunos em sala de aula, a partir dos conteúdos e ferramentas interativas disponíveis. Como professora da sala de informática, função específica da rede pública de ensino paulistana, Paloma apoia o desenvolvimento de trabalhos curriculares em várias disciplinas. No entanto, sua atuação docente foi além.



Paloma Martin Fernandez de Godoi
É professora da EMEF Pracinhas da Força Expedicionária Brasileira, em São Paulo (SP).

Quando notou a desenvoltura de alguns alunos em lidar com a tecnologia nas aulas e a disposição deles em ajudar os colegas com menos familiaridade, logo teve a idéia de investir nesse protagonismo dos estudantes. Criou um projeto de alunos-monitores na escola, cuja adesão era voluntária. “Tenho cerca de 80 monitores por período. E até suplentes!”, conta Paloma. É deles a função de organizar a sala e auxiliar os demais alunos e professores.

O sucesso da iniciativa rendeu à Paloma o terceiro lugar no I Concurso Internacional EducaRede. “O EducaRede é um dos poucos portais que abrem espaço para a divulgação de textos e trabalhos dos alunos. Para a escola pública, é uma oportunidade ímpar.”

- pesquisa
- autoria
- comunicação
- letramento digital



acesse
www.educarede.org.br

Portal
Educa
a Rede



www.

educarede

www.educarede.org.br